

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1923 | Número: 33

---

### Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. *Revista de Guimarães*, 33 (2-3) Abr.-Set. 1923, p. 151-160.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# CANCIONEIRO

DE

## S. SIMÃO DE NOVAIS

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

---

(Continuado do n.º anterior, pág. 31)

247

Meu pai chora que se mata  
por eu chegar ao 'stalão ;  
não chore, meu pai, não chore,  
que eu hei-de ter livração.

249

Santa Vaja não é vila,  
não é vila, nem aldeia :  
é uma cidade nova,  
onde o meu amor passeia.

251

Não posso andar de noite,  
nem de madrugada cedo :  
já ando ameaçada...  
de quem tenho pouco medo !

253

Os meus olhos, de chorar,  
geram cobras pelo chão ;  
os meus choram pelos teus,  
os teus por quem chorarão ?

255

O' moças do rio triste,  
vinde lavar ao alegre !  
A água do nosso rio  
deixa a roupa como neve.

248

O meu amor é de longe,  
inda que eu cante, não ouve :  
hei-de lho mandar dizer  
numa folhinha de couve.

250

Lá vem o barco à vela,  
lá vem a sardinha boa ;  
lá vem o meu amorzinho  
assentadinho à proa...

252

Freguesia de Silveiros,  
pequeninha, mas tem tudo :  
tem soldados para a guerra,  
estudantes p'ra o estudo.

254

Da minha janela via,  
via e 'inda 'stou a ver  
duas pocecas de sangue  
onde o Mário foi morrer.

256

Fiz a cama na varanda,  
esqueceu-me o cobertor ;  
deu o vento na roseira,  
cobriu-me tôda de flor.

257

Toma lá um limão doce  
do limoeiro azêdo,  
p'ra tirares o fastio,  
que o ganhaste bem cedo.

259

Canta-me uma cantiga  
daquelas que tu bem sabes;  
as minhas vão em aumento,  
a causa tu bem na sabes...

261

Da minha casa p'ra a tua,  
do meu coração p'ra o teu...  
Trago navios no mar;  
quem os governa sou eu. (2)

263

Se tu viras o que eu vi  
em cima duma parede...  
A cobra a dançar a chula,  
o sardão a cana verde! (3)

265

Eu hei-de ir p'ra a Santa Marta  
de joelhos a rezar,  
que me livre o meu amor  
da vida de militar.

267

O' Santa Marta do alto,  
o vosso mosteiro cai!  
Mandai-o alevantar  
pelo povo que lá vai.

269

Freguesia de Mogege,  
tudo me quer muito bem;  
só a mãe do meu amor  
não sei que raiva me tem... (4)

258

Vou cantar uma cantiga  
agora ao nascer do sol:  
puxa lá pelo teu livro,  
eu puxo pelo meu rol.

260

Amanhã há-de chover  
uma chuva miúdinha;  
eu hei-de me abrigar dela  
à tua porta, Rôsinha. (1)

262

Os sinos da Sé de Braga  
tocam todos à paixão:  
o pequeno toca o fado,  
o grande toca o malhão.

264

Eu hei-de ir à Santa Marta  
rezar-lhe de cá de fora,  
que me dê um rapazinho,  
que me quero vir embora.

266

O' Santa Marta do alto,  
eu sou firme no terreiro!  
Ao que prometo não falto:  
sou um rapaz verdadeiro.

268

Eu hei-de ir à Santa Marta,  
à Santa Marta hei-de ir,  
ou casada, ou solteira,  
ou criada de servir.

270

Minha sogra quer-me mal  
por eu namorar o filho:  
se não quer que o namore  
prenda-o em casa c'um atilho.

(1) Cf. 21.

(2) Cf. 146, 245.

(3) Cf. 104.

(4) Cf. 73.

271

Minha mãe não quer que eu fale  
p'ra quem eu gosto de ver;  
eu falo p'ra quem eu quero,  
minha mãe sem no saber.

273

Atirei um garfo ao ar,  
e o garfo não morreu;  
pus-me a 'spreitar cá de baixo,  
ver as voltas que êle deu.

275

O Padre J'ão das Bogalhas,  
parente das bogalhinhas,  
queria ser *devotão*:  
Isso... toma Mariquinhas!

277

Hei-de casar êste ano;  
há-de ser antes do verão,  
não vá o moço não qu'rer,  
meu pai dizer-me que não...

279

Quem me dera ser a hera  
pela parede a subir;  
entrava pela janela,  
onde estavas a dormir...

281

Minha Mãe, ó quem me dera,  
quem me dera, noite e dia,  
estar sempre aqui convosco  
a fazer-vos companhia!

283

O' trevo das quatro fôlhas!  
O' trevo da má ventura!  
Eu amar, eu bem te amava,  
se a fome fôsse fartura... (?)

285

Você diz que me não quer,  
eu que não tenho dinheiro?  
Tenho meu pai no Brasil,  
sou filha dum brasileiro.

272

Quando eu subi ao céu,  
duma nuvem fiz encôsto;  
dei um beijo numa estrêla,  
pensando que era seu rosto. (1)

274

Tenho nove par's de meias,  
c'um de coturnos faz dez;  
quando vou para as vestir,  
fico com frio nos pés.

276

Se o Padre Santo soubera  
o gôsto que a dança tem,  
viera de Roma aqui  
por *môr* de dançar também.

278

Se *fores* ao S. João  
trazei-me um S. Joãozinho;  
se não podeis com um grande,  
trazei um mais pequeninho.

280

Quem me dera ser ouvrives  
*um'* hora depois da ceia!  
Fazia meninos de ouro,  
às escuras, sem candeia...

282

Fui ao trevo colher trevo,  
achei o trevo colhido,  
e, ó trevo! não me atrevo  
a tomar amores contígo.

284

Sou maiata, sou da Maia,  
trago chapéu à vareira;  
também sei falar de amores,  
como qualquer lavradeira.

286

Meu pai estava no Brasil,  
minha mãe morreu no mar;  
agora levo a vida  
no terreiro a dançar.

(1) Cf. 212.

(2) Cf. 88.

287

Sete vezes fui casada,  
sete homens *arrecebi*;  
para te falar verdade  
inda estou como nasci...

289

Na troca que tu fizeste  
inda hás-de ser feliz;  
cada queixa que tu dás  
é do mal que eu te fiz.

291

A alegria dos casados  
são oito dias primeiros;  
ao depois andam chorando  
pela vida de solteiros.

293

Sei um cento de cantigas  
e mais uma taleigada;  
posso cantar tôda a noite  
e mais tôda a madrugada!

295

Amores de ao pé da porta  
amados com todo o risco,  
inda que a bôca não fale,  
os olhos sempre *petisco*...

297

O cravo depois de sêco  
foi-se queixar ao jardim;  
a rosa lhe respondeu:  
Tudo o que nasce tem fim!

299

Minha mãe, acenda o lume,  
faça o caldo de ervilhas.  
Tu és muito *pandilheiro*,  
mas a mim não me empandilhas.

301

O' Ferreira, guarda a filha,  
não ma ponhas à janela!  
Esta noite sai a ronda,  
eu também hei-de andar nela...

288

Trocaste-me a mim por outra,  
eu bem sei que me trocaste;  
só desejava saber  
na troca quanto ganhaste.

290

Trazes um cravo ao peito?  
Eu nem uma rosa tenho!  
Andavas p'ra me enganar...  
Quando tu vais, eu já venho.

292

Eu casei-me por um ano  
p'ra ver a vida que tinha;  
o ano vai-se acabando:  
quem me dera solteirinha...

294

Tuas mãos são puras neves,  
teus dedos lindas *felores*,  
teus braços cadeias de ouro,  
laço de prender amores.

296

Fui ao jardim passear,  
espaihar a minha dor,  
encontrei o teu retrato  
nas pétalas duma flor.

298

O cravo depois de sêco  
*sinifica* amor perdido;  
inda que eu queira, não posso  
tomar amores contigo.

300

Tenho à minha janela  
regalos que ninguém tem:  
a tôda a hora do dia  
vejo a quem eu quero bem...

302

As estrêlas do Céu *corre*  
tôdas numa carreirinha;  
também os amores *corre*  
da tua porta p'ra a minha. (1)

(1) Cf. 246.

303

Graças a Deus para sempre,  
já ouvi a tua voz!  
Julguei que estavas metida  
na casquinha duma noz...

305

Olha o tolo! Olha o louco!  
Olha o pouco entendido,  
que foi falar a meu pai  
sem ter falado comigo!

307

De Lisboa me mandaram  
um guisado com seu mólho:  
a costela duma pulga,  
o coração dum piolho.

309

Maria, minha Maria!  
Maria, minha mulher!  
Eu penso que ela é minha,  
ela é de quem a quer...

311

O' senhor José Maria,  
o seu nome é como o meu!  
Você é José Maria,  
Maria José sou eu.

313

O' minha Mãe! não me mande  
a Coimbra vender trigo,  
que me dão os estudantes:  
Menina, case comigo!

315

Eu pintei a cana verde,  
eu pintei a verde cana,  
eu pintei a cana verde  
no travesseiro da cama.

317

Veio-me um cheiro a cigarro;  
quem seria o fumador?  
Quem me dera adivinhar  
se éle era o meu amor!

304

Quando eu assentei praça  
no Oito de Infantaria,  
cortaram-me os meus cabelos;  
lá foi a minha alegria...

306

De Lisboa me mandaram  
cinco maçãs num carrinho;  
o ladrão do portador  
comeu-mas pelo caminho!

308

O piolho e mais a pulga  
andam no monte a roçar:  
lá vai o carrapatinho  
*afelito* c'o jantar! <sup>(1)</sup>

310

Maria, minha Maria!  
Negra vida te hei-de dar:  
não hei-de falar p'ra ti,  
nem te hei-de deixar falar.

312

C'os passarinhos do campo  
eu me quero comparar:  
andam vestidos de pênas,  
sua alegria é cantar...

314

Eu pintei a cana verde,  
eu pintei-a como quis;  
eu pintei a cana verde  
na ponta do teu nariz. <sup>(2)</sup>

316

O meu amor não é teu,  
'té no andar o conheço:  
tem um andar miúdiinho  
como a fôlha do codeço.

318

O rio vai cheio de água,  
meu corpo todo tremia;  
meus olhos cheios de lágrimas,  
por causa de ti, Maria!

(1) Cf. 263.

(2) Cf. 242.

319

Minha sogra morreu ontem,  
foi-se enterrar ao valado,  
com a cabeça de fora,  
com o rabo arrebitado. (1)

321

Coitado de quem é tolo,  
que pouco juízo tem :  
ouve dizer : Vem cá, toma !  
E julga que lhe *quer* bem.

323

Dei um nó que nunca o dera,  
nem nunca o chegara a dar ;  
eu dei-o co'a mão direita,  
não no posso desatar.

325

Quem me dera agora ver  
a quem me aqui alembrou :  
queria ver meu amor  
que tam longe d'ele estou !

327

Quando passares por mim,  
bota es teus olhos ao chão :  
podemo-nos querer bem  
e o mundo julga que não...

329

O meu amor me enjeitou,  
eu agora sou da roda ;  
a culpa tive-a eu,  
tomar namôro tam nova.

331

O anel que tu me deste  
anda-me aos saltos no dedo ;  
se me tu quisesses bem,  
o anel estava quêdo.

333

O anel que tu me deste  
era de vidro, quebrou ;  
o amor que tu me tinhas,  
o anel o demonstrou.

320

Se eu morrer em tua casa,  
enterra-me num cantinho  
com a cabeça de fora  
para te eu dar um beijinho.

322

Cuidavas em me ver rir  
que me já tinhas na mão ?  
Eu não sou tam rabaceira  
que coma a fruta do chão...

324

Am'ciro de ao pé do rio  
dá bom pau para colheres.  
Quem quiser ouvir mentiras  
vá ao serão das mulheres.

326

Eu e mais o meu amor,  
o meu amor e mais eu,  
andamos amuadinhos,  
nem êle fala, nem eu.

328

Passaste por mim, còraste  
como o cravo da imprensa ;  
fala p'ra quem tu quiseres,  
que a mim não me faz dif'rença.

330

O meu amor me enjeitou,  
agora sou enjeitada ;  
agora todos me chamam  
viúva, sem ser casada.

332

O anel que tu me deste  
no caminho da Trindade  
era-me largo no dedo,  
apertado na amizade.

334

O anel que tu me deste  
naquela barroca escura...  
toma lá, já to não quero,  
minha mãe niuguém na atura !

335

O' Manuel, a quem deste  
o teu anel de pedrinhas?  
Diz-me com quem repartiste  
a amizade que me tinhas.

337

Antoninho pede, pede  
com sua necessidade;  
quem pede, pede chorando,  
quem dá, falta lhe a vontade.

339

Deste-me uma pera verde,  
que havia de amadurar;  
o que é verde, verde fica:  
tu querias-me enganar...

341

Atira, mano, atira  
à pomba que anda na eira!  
Garoto, que ma mataste,  
que era miuha companheira!

343

O melro macho é negro,  
a melra mais apardada;  
quando canta o negro melro,  
canta tôda a passarada.

345

O sol pôsto, já é noite,  
menina, vá-se deitar,  
que eu vou fazer o mesmo,  
que tenho de madrugar.

347

Aquele navio novo  
jura que me há-de levar;  
eu juro que não hei-de ir  
passar as ondas do mar.

349

Atiraste-me c'um cravo,  
com a fêlha me feriste;  
viste-me correr o sangue,  
nem por isso me acudiste...

351

Menino, qu'ria saber  
qual seria o seu desejo:  
queria que me dissesse  
se consente dar-lhe um beijo.

336

Antoninho pede, pede  
calça de linho p'ra o v'rão;  
eu também hei-de pedir  
anel de ouro para a mão.

338

Eu tenho um amor António,  
lindo amor tenho eu:  
quem tem um amor António  
tem uma quinta de seu.

340

Deste-me uma pera verde,  
na tua mão amadura.  
Cuidavas que me enganavas,  
coração de pedra dura!

342

Vou cantar uma cantiga  
aqui neste recantinho,  
onde a pomba bate a asa,  
onde a rôla faz o ninho.

344

Já lá vai o sol abaixo,  
já lá vai a luz do dia;  
já lá vai o meu amor  
com quem eu me divertia.

346

Minhas andadas de noite,  
minhas idas ao serão...  
Tenho minhas solas rôtas,  
minhas passadas em vão...

348

O meu amor me disse ontem:  
P'ra domingo falaremos!  
A semana tem seis dias,  
eu inda queria menos...

350

Mariquinhas, teu pai deu-te,  
bem te podia matar;  
tinhas o caldinho feito,  
a loucinha por lavar.

352

Eu tenho no meu quintal  
um raminho de alecrim:  
da minha janela eu via  
os olhos ao Joaquim...



353

Moro à beira do monte,  
meus vizinhos são penedos :  
não tenho quem chor' por mim,  
senão mochos ou morcegos.

355

A oliveira que chora,  
decerto 'stá magcada :  
varejaram-lhe a azeitona,  
deram-lhe basta pancada !

357

S. João p'ra ver as moças  
fêz uma ponte de vidro ;  
as moças não vão por ela,  
S. João fica perdido...

359

Fui à fonte das três bicas,  
dei a mão à liberdade :  
variava do juízo  
quando te fiz a vontade...

361

Minha maçã vermelhinha,  
nem a comi, nem a dei ;  
tenho-a na minha caixa,  
com ela te pagarei.

363

Assenta-te aqui António  
José, que estás enfadado,  
nesta cadeirinha nova  
feita da raiz do cravo.

365

Adeus, ó lugar daqui,  
pedrinha onde me eu sentava !  
Adeus, amor de algum dia !  
Tudo por tempo acaba.

354

O loureiro, de viçoso,  
êle dava a baga preta.  
Não falto ao meu amor,  
peça a Deus que lh'eu prometa. (1)

356

Eu gosto muito de vinho,  
mas muito mais de dispensa.  
Eu hoje quero saber  
oude me chega a sabença.

358

Fui à fonte das três bicas,  
não tomei senão *felo*res :  
enchi o cant'ro de rosas,  
fiz-lhe a rodilha de amores...

360

S. João p'ra ver as moças  
fêz uma ponte de prata ;  
as moças não passam nela,  
S. João todo se mata... (2)

362

O primeiro amor que eu tive  
era filho dum doceiro ;  
tinha os dentinhos podres,  
na boquinha um mau cheiro.

364

O' minha fala brandinha,  
não me deixes ficar mal  
diante de tanto povo,  
no meio dêste arraial ! (3)

366

Agora que aqui 'stou  
vou usar os meus tormentos.  
Eu sou fino como a estôpa  
e podre como os tomentos.

(1) Cf. 219.

(2) Cf. 357.

(3) Variante :

O' minha fala brandinha,  
não me deixes ficar mal  
no meio de tanta gente,  
hoje aqui neste arraial.

367

Siga a roda, siga a roda,  
na roda dos cavalinhos.  
Não sei que graça lhe achais  
dar abraços e beijinhos.

369

Se tu morres e eu morro,  
morreremos nós ambinhos;  
inda se *há*-de poder ver  
numa campá dois anjinhos.

371

Fui-me confessar ao Pôrto,  
à terra dos marjinhos:  
deram-me por penitência  
mais abraços que beijinhos.

373

O sono e a preguiça  
tem-me dado inuíta perca:  
o sono por dormir muito,  
a preguiça por 'star *queta*.

375

A vinte e quatro de Agosto  
é o S. Bartolomeu.  
Menina, diga a seu pai,  
que eu também digo ao meu...

377

Se ouvires dizer que eu morro,  
não chores por mim, meu bem;  
a morte dum desgraçado  
não causa pena a ninguém...

379

Olha o diacho do velho,  
inda pensa que é rapaz!  
Passa pelas raparigas,  
inda fica a olhar p'ra trás...

381

Moleiro, anda p'ra o Céu!  
Senhor, não tenho vagar,  
tenho a moega cheia,  
inda 'stá por maquiãr...

368

Agora que aqui 'stou  
inda chego a ser inoço.  
Queria dar-lhe um abraço  
nesse lenço do pescoço. (1)

370

Aqui tens meu coração,  
as chaves para o abrir:  
não tenho mais que te dar,  
nem tu mais que me pedir.

372

O' minha Mãe, quem me dera  
o que minha alma deseja:  
as portas do Céu abertas  
como estão as da Igreja!

374

Minha mãe mandou-me ao *munho*  
o moleiro mordiscou-me;  
eu isso pouco me importa:  
foi bem feita, regalei-me!

376

Quem me dera ser o linho  
que vós na roca fiaís!  
Quem me dera tantos beijos  
como vós no linho dais!

378

Homem casado, vândio,  
vai para a tua mulher!  
Das filhas que meu pai tem  
nenhuma delas te quer... (2)

380

O meu amor inda ontem  
pela porta me passou;  
por causa da vizinhança,  
nem o chapéu me tirou...

382

Do S. João ao S. Pedro,  
quem quiser contar, bem pode:  
S. João a vinte e quatro,  
S. Pedro a vinte e nove.

(1) Cf. 366.

(2) Cf. 195.

383

Tenho dentro em meu peito  
duas espinhas de peixe :  
uma diz-me que te ame,  
outra diz-me que te deixe.

385

A cana verde no mar  
também tem a sua dor ;  
eu também tenho a minha,  
seja ela como for.

387

A cana verde no mar  
navega no caracol.  
Também tu, minha menina,  
és como a *ressa* do sol.

389

A cana verde no mar  
dá-lhe o vento, balanceia ;  
também tu, minha menina,  
o teu juízo *vareia*.

391

O' *felor* da malva roxa,  
quem lá há-de duvidar ?  
Nós nascemos um p'ra o outro,  
que resposta me há-de dar ?

393

O' triste segunda-feira,  
o sábado vai-se chegando !  
O' domingo, anda vindo,  
eu por ti 'stava 'sperando !

395

Antoninho, côr de cravo,  
Maria, côr de cereja :  
são os 'sposados mais lindos  
que entram na nossa igreja.

384

A cana verde no mar  
navega por onde quer :  
é como o moço solteiro,  
enquanto não tem mulher. (1)

386

A cana verde no mar  
arrebenta ao nascer ;  
assim *arrebente* os olhos  
a quem não me poder ver.

388

A cana verde no mar  
pega depois de torcida ;  
também os amores pegam  
no peito p'ra tôda a vida.

390

A cana verde no mar  
navega, não vai ao fundo.  
Inda que eu queira, não posso  
tapar a bôca ao mundo.

392

Tenho uma pena no peito  
ao lado do coração.  
Tenho um leiteiro que diz :  
Morrer sim, deixar-te não.

394

Antoninho deu-me um cravo,  
quando vinha da lição ;  
aqui o trago ao peito  
ao lado do coração.

396

Minha mãe não quer que eu fal  
p'ra o rapaz, que é sapateiro ;  
é um rapaz como os outros :  
trabalha, ganha dinheiro.

(Conclui no próximo n.º).

(1) Cf. 242.